

O CHRISTÃO

Nós pregamos a Christo.

1ª Epist. aos Corinthios cap. I, v. 23.

Redacção :

96 - Rua da Assembléa - 96

RIO DE JANEIRO.

REDACTORES DIVERSOS.

Publicação mensal.

Assignatura annual 3\$000

ADIANTADOS.

Principia em qualquer mez mas finda em Dezembro.

ANNO VI

Rio de Janeiro, Junho de 1897.

NUM. 66

“O CHRISTÃO”

Junho de 1897.

MILAGRE DE S. GENNARO

Um telegramma expedido de Napoles para o *Jornal do Brazil*, diz o seguinte :

“Reina aqui grande excitação popular porque não se realizou o costumado milagre de S. Gennaro, que devia deitar sangue.

Este anno, porém, o sangue do santo não se liquidou.

O povo receia que por este facto esteja imminente alguma catastrophe.”

Sabem os nossos leitores que S. Gennaro é o santo padroeiro da cidade de Napoles.

Os sacerdotes romanos conservam em um frasco um pouco do supposto sangue d'esse santo, que dizem ter sido derramado por occasião de um martyrio a que foi submettido ha mais de 1.500 annos.

A historia d'esse martyrio está longe de ser provada, e, felizmente, muitos napolitanos não acreditam n'ella, porque sabem que ella é uma burla—uma das fraudes pias forjadas pela egreja romana para levar a superstição ás massas ignorantes e auferir d'ellas grossas sommas.

Quando celebra-se a festa d'esse santo, o bispo é cercado de grande numero de padres, e, á luz de muitas tochas e no meio do fumo que se desprende dos thuribulos cheios de incenso, elle apresenta um frasco que tem na parte superior um objecto roxo-carmezim.

Todos os olhares se fitam no prestidigitador de solidéo.

Este, então, agita o frasco até que o supposto sangue começa a liquefazer-se, á moda da hostia que se *convertia* em sangue na lingua benta da mulher beata do padre Cicero, no Ceará.

Todos sabem que basta ser agitada a substancia contida na parte superior do frasco e aquecel-a pelo calor da mão, para tornar-se liquida; si, porém, por astucia do bispo ou por qualquer outra circumstancia, ella não se liquefaz, então o povo se inquieta, pois os padres têm incutido no animo de muitos que tal facto só se dá quando está presente algum hereje ou quando, por algum outro motivo semelhante, o santo está zangado.

Porque será que o milagre não se effectuou agora ?

Está mesmo zangado o santo ou está imminente uma catastrophe ?

Dicant paduani.

Conta-se, porém, que, no tempo da revolução, tendo os francezes conquistado Napoles, o clero tentou excitar o animo do povo contra os seus conquistadores.

Um plano foi logo concebido. A credulidade do povo ia ser explorada. O resultado seria certo.

No dia de S. Gennaro o sangue não se tornaria liquido e seria isso attribuido á presença dos francezes.

Assim esperavam que esse trama sortiria o effeito desejado.

Porém, mais sagaz que o clero jesuita, foi o general francez que, percebendo o motim do povo, declarou que si não tivesse lugar o

milagre immediatamente, deitaria abaixo o palacio do arcebispo a tiro de canhão.

Então S. Gennaro teve medo e o sangue liquefez-se e a agitação publica foi acalmada.

Antes assim.

A CEIA DO SENHOR

(M. S. 86, 1ª)

- 1 Não nas mãos, mas em minh'alma
Tomo o corpo de Jesus,
E em figura bebo o sangue
Derramado sobre a cruz.
- 2 Do meu Salvador ausente
Commemoro o grande amor,
Annunciando a sua morte
Por um mundo peccador.
- 3 Em espirito presente,
Eu te adoro aqui, meu Deus,
Em bondade revelado
Aos que pela fé são teus.
- 4 Vem, Jesus, Senhor bondoso,
Meu espirito instruir,
Para que, nos dois emblemas,
Eu te possa discernir.
- 5 E permite que hoje tenha,
Entre a luz da salvação,
Com os meus irmãos,—contigo,
Verdadeira communhão.

R. H. M.

Quando o Rev. Henry Ward Beecher vendia escravos no pulpito de Plymouth.

"A presente geração," diz a esposa do Rev. Beecher, "mal pôde realizar que ha apenas 35 annos existia a triste escravidão neste paiz. (Estados Unidos da America.) Muitos dos nossos primeiros immigrants eram escravos brancos que eram remetidos da Europa, onde o roubo de crianças era um negocio rendoso, e tinha sua séde em Bristol, na Inglaterra.

Os colonos primitivos escravisaram os indios vermelhos — porque a escravidão é o resultado das circumstancias, não da côr.

Depois vieram os escravos negros que existiram em todos os 13 estados originaes.

Os signatarios da *Declaração* da independencia não tinham consciencia do prepostero paradoxo quando affirmavam que todos os homens são creaturas livres e eguaes, com os inalienaveis direitos de vida, liberdade e pro-secução de felicidade, justamente quando muitos delles possuíam escravos negros.

Em um dos meus cadernos de rascunhos tenho uma caricatura representando o Rev. Beecher recusando administrar a communhão a George Washington, porque possuía escravos. Meu marido ria-se a valer, quando olhava para esta caricatura, porém dizia que ella representava uma grande verdade.

Os fundadores desta Republica procederam segundo a luz que tinham, porém nós temos o privilegio de vivermos em dias de mais brilhante luz. A escravidão, que era então considerada uma necessidade industrial e uma instituição divina, é hoje um crime contra Deus e a sociedade.

Não é exacto que o sr. Beecher fosse abolicionista nativo. Quando ainda menino seu pai, o Rev. Dr. Lyman Beecher, era um grande apologista do plano da colonisação africana e elle seguia a opinião de seu pae. Mas em 1830, antes de completar 17 annos de idade, foi para o collegio de Amherst e na qualidade de membro da "Sociedade Atenian" foi designado para tomar o lado negativo no debate em que elle tinha de tomar parte perante a *Sociedade Colonisadora Africana*.

Foi então que pela primeira vez, elle estudou o assumpto seriamente, acabando por convencer-se que Deus queria que todos os entes humanos fossem livres. "Aquelle debate," disse elle, "tornou-me inimigo da escravidão."

Primeiro acto do Rev. Beecher como abolicionista

De Amherst, em 1835, foi o Sr. Beecher para o Seminario Theologico de Lane.

Nesta epocha era Cincinnati uma cidade muito escravocrata e a sua franca attitudo em prol da liberdade de todos custou-lhe a perda de não poucos amigos. Em uma occasião a plebe atacou a typographia do jornal de Mr. Baily, do qual o Rev. Beecher era collaborador, só por causa da sua opposição contra a escravidão. O typo foi destruido e a imprensa arrastada pelas ruas e atirada ao rio Ohio. Em seguida ameaçaram todos os negros libertos que haviam na cidade, vendendo o chefe de policia obrigado a convidar cidadãos para formarem um corpo especial para auxiliar a policia regular.

O Sr. Beecher promptamente apresentou-se como voluntario e por algum tempo fez ronda nas ruas devidamente armado. Elle estava aprendendo a conhecer a escravidão em toda a sua hediondez e assim Deus estava preparando-o para a grande obra do futuro. Depois de dois annos de residencia na pequena villa de Laurensburg, cujos habitantes raras vezes mostravam interesse na questão da escravidão, o Sr. Beecher, mudou-se para Indianapolis e alli principiou a attrahir a attenção publica por pregar do pulpito a abolição e por pô-la em pratica, tornando nossa residencia em uma das estações da "*Estrada de Ferro Subterranea*." Os escravos fugidos que tinham atravessado o rio vinham pedir-lhe abrigo e auxilio. Elle recebia-os, occultava-os e á noite levava-os em sua carruagem, sujeito a tempestades e exposto a ser conhecido e preso, até a proxima estação "subterranea" no caminho para a liberdade.

Isto era uma directa violação das leis em vigor; porém a LEI SUPREMA tinha sido proclamada, e elle na Indiana e o professor Stowe no Ohio, obedeciam-na de coração. Nestas nocturnas e illegaes expedições, elles adquiriram aquelle conhecimento exacto da escravidão que mais tarde produziu aquelle romance immortal e celebre em todo mundo — "*A Cabana do Pae Thomaz*," escripto por Miss Harriet, irmã do Rev. Beecher, e que tornou os seus discursos anti-escravocratas tão dramaticos, convincentes e incontestaveis.

*Ameaças contra a vida e Igreja do
Rev. Beecher*

Em 1847 o Rev. Beecher tomou o cargo pastoral da Igreja de Plymouth em Brooklin, e no seu sermão inaugural elle francamente expoz a attitude que tencionava tomar contra a escravidão. A maioria dos membros da Igreja apoiava a sua posição, mas a minoria do povo de Nova York e Brooklin sympathizava com o Sul, onde existia a escravidão. Elles não podiam realizar a hediondez da escravidão; consideravam-na sentimentalmente como uma instituição patriarchal que tinha procedido dos tempos biblicos e dava ao povo do Sul amplo descanso para se desenvolverem em encantadoras damas e excellentes politicos.

O Sr. Beecher veio, pois, abrir os olhos e acordar as consciencias destes sentimentalistas e por isso encontrou igual opposição a que soffreu em Cincinnati. Injuriavam-no chamando-o adorador dos negros; foi ameaçado com violencia pessoal; e um bando de capangas foi organizado em Nova York para destruir o edificio da igreja em que elle pregava. Frequentemente recebiamos cartas anonymas avisando-nos da remessa de machinas infernaes contra a nossa

casa—de facto, ellas vinham a razão de uma ou duas por semana.

Recordo-me que um dia veio uma grande caixa pelo expresso depois de receber uma carta avisando-nos. Eu tive medo de abri-la e igualmente de ser aberta pelo Sr. Beecher, o qual nunca tendo sabido o que é medo, havia de abri-la logo que ella chegasse; resolvi, pois, mandar chamar um policia, e, depois da caixa ser completamente molhada, foi aberta achando-se dentro uma figura do tamanho de um negro.

Leilão de uma escrava no pulpito de Plymouth

No meio d'estas excitações o Sr. Beecher teve a idéa de dar ao povo, que agora enchia sua igreja para ouvir-o pregar, uma lição pratica sobre a escravidão no Sul, tal qual elle a tinha observado em Kentucky e como lhe tinha sido descripta pelos escravos fugidos. Frequentes apellos lhes eram feitos para elle contribuir para fundos que tivessem por fim resgatar homens e mulheres que eram arrastados para a escravidão e deshonra, e sua idéa era a de vender uma destas escravas na igreja de Plymouth, de modo que todos pudessem ver o que era realmente o commercio de escravos e pudessem ser levados a ajudar a pagar a liberdade das victimas de um systema que era sancionado pelas leis americanas, mas condemnado pela lei de Deus.

Depois de uma preliminar e bem succedida experiencia no Tabernaculo de Nova York o primeiro leilão de escravos na igreja de Plymouth foi feito no dia 1 de Junho de 1856.

A manhã daquelle domingo foi memoravel. A intenção do Sr. Beecher tinha-se divulgado por toda a parte e ás 8 horas da manhã o povo principiava a reunir-se aos milhares em frente da igreja, posto que as portas da mesma não fossem abertas antes das 10 horas e meia. A's 10 horas as ruas de ambos os lados da igreja estavam repletas de povo e os carros eram obrigados a deixar os passageiros a distancia de um quarteirão.

Quando o Sr. Beecher e eu chegámos perto das portas da Igreja parecia-nos que era impossivel a entrada e por espaço de 15 ou 20 minutos varios policiaes estiveram occupados em nos abrir passagem por entre a multidão até que chegassemos ás portas.

A Igreja estava repletissima de ouvintes: não havia um palmo desoccupado e milhares estavam do lado de fóra por não haver mais lugar.

Quando o Sr. Beecher appareceu no pulpito, um silencio profundo apossou-se do auditorio. Depois d'elle contemplar por alguns minutos a maravilhosa assembléa que estava deante d'elle, fechou os olhos em atti-

tude de oração por alguns minutos e levantou-se.

Toda aquella vasta assembléa tornou-se instantaneamente um corpo expectador.

Elle principiou o culto lendo aquella bella passagem da Escriptura sobre aquelle homem que tinha a mão rescada e que foi curado, tornando especialmente emphatica a pergunta de Christo; "E' legal fazer bem ou mal no dia de descanso, dar a vida ou tiral-a?" Em seguida disse:

Acerca de 15 dias recebi uma carta da cidade de Washington, informando-me que uma moça ia ser vendida por seu proprio pae e remetida para o Sul—para que fim podeis facilmente imaginar, quando a virdes. Ella foi comprada por um negociante de escravos por sete contos de réis e elle dá-vos a oportunidade de comprardes a sua liberdade. Ella já deu a sua palavra de honra que voltará para Richmond, si a quantia necessaria para comprar a sua liberdade não fôr obtida, e que, posto que seja chamada escrava é uma mulher que não faltará á sua palavra.

"Agora, Sara, sobe aqui onde todos possam ver-te," disse o Sr. Beecher.

Dinheiro e joias para a liberdade de uma escrava

O solemne e impressivo silencio daquella vasta congregação de Plymouth era absolutamente penoso quando aquella moça vagarosamente subia os degráus do pulpito e sentava-se ao lado do Sr. Beecher.

Immediatamente assumindo o olhar e maneiras de um leiloeiro de escravos pediu que lançassem.

"Olhae," exclamou elle, "para este artigo mercantil—carne e sangue humanos como os vossos. Vêde o sangue de brancos nos traços e feições de seu rosto e sua intelligente testa indicando quem eram seus paes.

Quem lança ?

Deveis pagar mais por esta, pois tem sangue de brancos e portanto deve ser mais intelligente.

Levanta-te, Sara! Olhae para a sua figura elegante e o seu ondeado cabello!—quanto daes por elles?

Ella é sadia na mente e no corpo—vol-o garanto. Quem lança? Seus pés e mãos, mostra-os, Sara!—são pequenos e bem feitos: quanto daes por ella? Ella é uma moça christã! e esta circumstancia deve tornal-a de maior valor, porque isto assegura a sua docilidade e obediencia. "Servos sede obedientes aos vossos senhores," vós não desconheceis esta doutrina em que ella crê.

Quanto daes por ella ?

Consentireis que esta moça crente volte para Richmond cumprir a fatalidade para a qual seu pae a vendeu ?

Quem lança ?"

A impressão produzida por estas palavras é indescriptivel! Cada palavra que era proferida pelo Sr. Beecher parecia entrar no coração de cada ouvinte. Os olhos de todos estavam fitos na escrava que estava na plataforma.

A melodiosa voz do Sr. Beecher tinha-se transformado em tons asperos e agudos; elle fitava os olhos na moça e no auditorio como se o que o absorvia fosse o dinheiro que pudesse obter por ella. O povo parecia que não respirava pelo excitamento em que estava a proporção que elle falava, dizendo: "Vinde, agora! Estamos vendendo esta mulher, vós o sabeis e que bella peça é ella. Mirae-a. Certificae-vos. Não a quereis? Bem, passae as salvas e vamos vêr."

Esta suggestão não foi feita cedo de mais. A congregação tinha sido arrebatada ao mais alto grau de commoção, lagrimas de piedade e emoção corriam de olhos não habituados a derramal-as.

As mulheres tornaram se hystericas, os homens quasi que estavam fóra de si.

Uma pessoa que estava proxima ao pulpito adiantou-se e collocou uma nota de banco aos pés do Sr. Beecher.

"Bem, disse elle, a primeira, e o resto?"

Por espaço de meia hora dinheiro sobre dinheiro amontoava-se nas salvas das collectas e aquelles a quem parecia demorada a chegada das salvas a elles, atiravam moedas e notas de bancos sobre o pulpito. As mulheres tiravam suas joias e punham-nas nas salvas, anneis, pulseiras e broches amontoavam-se uns sobre os outros. Os homens tiravam os relógios e davam-nos aos collectores.

Acima do sussurro e confusão desta notavel scena ouvia-se a poderosa voz do Sr. Beecher, exclamando: "terá esta moça de ser libertada ou irá para Richmond?"

"Libertada" era a immediata resposta de varios cavalheiros emquanto esvaziavam as algibeiras nas salvas.

"Em nome de CHRISTO quanto é que lanças?"

Ao serem proferidas estas palavras, tendo attingido seu auge a commoção do auditorio, Mr. Luiz Tappeu levantou-se e gritou de modo que sua voz pudesse ser ouvida:

"Mr. Beecher, não ha necessidade para mais anciedade, porque varios cavalheiros concordaram em darem o que faltar, seja qual for a quantia, para a liberdade da moça."

Esta falla produziu na já muito emocionada congregação as mais evidentes demonstrações de enthusiasmo. Os applausos misturados com as exclamações de louvor e oração, pareciam estremecer as paredes da grande igreja.

O auditorio não se podia conter na exultação pelo seu triumpho, e o silencio que tinha sido interrompido por alguns minutos não foi restaurado enquanto o Rev. Beecher não levantou a mão pedindo silencio. A obediencia a este signal foi immediata.

Em seguida, na sua natural e melodiosa voz, elle exclamou: "Deus abençoe a Igreja de Plymouth! Quando os antigos judeus iam para as suas solennes festas, faziam os montes que circumdavam Jerusalem retinir com os seus gritos. Eu não approvo os applausos profanos na casa de Deus; mas quando uma boa obra é bem feita, não faz mal dar-se uma prova externa da nossa alegria."

A collecta não foi insignificante. Os sete contos tinham sido dados para a liberdade de Sara, e ainda sobrou quantia sufficiente para ser-lhe comprada uma pequena casa em Picketskill, no Estado de Nova York, onde ella occupou-se em criar gallinhas, vender ovos e manteiga. Ha apenas dous annos eu recebi uma carta della, quando visitava minha irmã, Mrs. Scoville, em Stamford, no Estado de Connecticut e ella estava bem e feliz."

A narrativa do facto historico acima é tocantissima e dá uma lição que deve mover todo coração crente (outr'ora escravo de Satanaz e da carne e portanto do peccado, mas agora libertado pela lei da graça e resgatado pelo sangue de Jesus Christo), a sympathizar com os seus semelhantes que ainda se acham nesta triste condição de escravos do peccado. A sympathia que aquelle enorme auditorio da Igreja de Plymouth manifestou para com a escrava Sara, foi pratica—sem mais demora deram do que possuíam para o resgate daquella pobre moça: dinheiro, joias—tudo foi dado de boa vontade e santificado com orações e lagrimas de commiserção. Entretanto foi só para dar a liberdade do corpo a uma moça que já era crente no Senhor Jesus, possuindo, portanto, o que é infinitamente melhor—a liberdade do espirito.

Nosso Senhor disse: que de nada valia o homem ganhar o mundo inteiro si viesse a perder a sua alma; que não devíamos temer aquelle que póde matar o corpo e lançar a alma no inferno. Ora si uma alma vale mais que o mundo inteiro, claro está que a liberdade espirital é muito superior á corporal e que si somos movidos á compaixão e á abnegação para a libertação do corpo, muito mais o devemos ser para a libertação da alma.

Sabemos que o mundo inteiro não póde resgatar um peccador, mas sim o sangue de

Christo derramado no Calvario; mas esta redempção é desconhecida aos escravos do peccado e para que se torne conhecida, Deus põe ao nosso alcance varios meios, taes como o pulpito, a imprensa, a colportagem, o ensino, etc., meios estes poderosissimos (quando abençoados por Deus) para a propagação das Boas Novas da Redempção.

Estes quatro meios principaes abrangem muitos outros. O primeiro destes quatro meios include—Pastores, Evangelistas, Missionarios e Leitores da Biblia; o segundo—a impressão das Escripturas, Tractados e jornaes Evangelicos; o terceiro—a disseminação da palavra de Deus por meio de colportores que; de paiz em paiz, de estado em estado, de cidade em cidade, de povoação em povoação e de casa em casa, levam as Boas Novas de salvação aos peccadores; o quarto—são as Universidades, os Collegios, os Seminarios e as Escolas Evangelicas. Este ultimo é um dos meios mais importantes, pois si a infancia innocente e a mocidade inexperiente não fôr guiada ao Salvador, viverão como *escravos* do peccado, mas si ao contrario forem ensinados a serem discipulos de Christo que os libertou e resgatou, como christãos viverão.

Nos seminarios são preparados os que tem de occupar o officio de pastor, evangelista e missionario. Todos estes instrumentos incluidos nos quatro meios acima mencionados são, (quando abençoados por Deus) de grande importancia e valor na salvação dos nossos semelhantes, que ainda são escravos do peccado.

Ora, si para darmos a liberdade de acção a uma pessoa somos tão commovidos e praticamos tanta abnegação, quanto mais o devemos ser para a presente libertação da escravidão do peccado e a eterna salvação de nossos semelhantes?! Não podemos, é verdade, comprar a salvação de ninguem com dinheiro, como no caso de Sara; mas o dinheiro póde servir de meio pelo qual as Boas Novas da salvação, comprada com o sangue de Christo na cruz, lhes sejam annunciadas.

Centos, milhares, milhões de nossos semelhantes, caros leitores, ainda são escravos do peccado, devido á ignorancia do Evangelho, e esta ignorancia devida á falta do uso dos varios meios pelos quaes poderíamos tornarlhes conhecidas as Boas Novas da salvação, falta esta originada na escassez dos meios pecuniarios.

Que o povo de Deus se lembre desta verdade e que todos possamos concorrer para a liberdade espirital dos nossos semelhantes.

ROMANISMO NA ITALIA

O Dr. Robertson, missionario na cidade de Veneza, Italia, escrevendo no jornal *A Voz da Italia*, dá alguns factos como signaes de que a nação italiana já descobriu as intrigas do Romanismo.

Outr'ora, diz elle, os italianos dividiam todo o mundo em duas classes: Christãos e Protestantas.

Por "christãos" queriam dizer elles mesmos! não por serem discipulos de Christo mas por terem a infelicidade de nascerem no gremio da igreja romana.

Por "protestantes" queriam dizer todo o mais do mundo que embora tivesse no seu corpo as chagas de Jesus Christo, não era catholico romano.

A distincção originou-se com os padres e era tão bem ensinada ao povo que a usava sem pensar.

Porém, agora os italianos tem mudado a sua classificação da raça humana e sua phraseologia. Não é mais "christãos e protestantes," mas "christãos e clerigos."

A nova distincção acha-se na imprensa e em conversas communs. Por "christãos" agora querem dizer protestantes, e todos que seguem a Jesus Christo; e, por "clerigos," os padres e todos que seguem ao Papa. A distincção é verdadeira.

Tenho ouvido, continúa o doutor, os proprios italianos dizerem que o Romanismo é um compacto entre os homens para garantir a immuniidade do peccado. O Christianismo salva ao homem do peccado; o Romanismo pretende salvar o homem no peccado.

Signor Giovanni Bovio, lente na Universidade de Bari, e membro da camara dos deputados, tem lido o "Novo Testamento" e chegou á conclusão que se o Christianismo tem alguma connexão com Christo, então a igreja romana não pôde ser christã.

Por um livro que ha pouco escreveu, foi excommungado pelo Papa, que tambem mandou pôr o seu livro no indice. O escriptor, porém, não se incommodou com isto e até chegou a dizer que se pensasse que a excommunhão de sua santidade lhe faria algum mal, que então nem comeria nem dormiria, mas estava bem certo que não faria mal algum.

Oremos por este paiz importante para que Deus o leve ao conhecimento do Evangelho e abençõe os seus servos que estão trabalhando alli.

T. C. J.



Associação Christã de Moços

DO

RIO DE JANEIRO

R. da Assembléa n. 96, 1º andar

Estatistica do mez de Maio :

	1897	1896
	Total t. m.	Total t. m.
Assistencia diaria.....	470 15	648 21
Conferencia religiosa...	194 39	213 43
Reunião de oração.....	17 5	32 8
Frequencia ás aulas....	76 4	57 4

Durante o mez de Maio dirigiram a palavra nas conferencias aos domingos os Rvdos: João M. G. dos Santos, Alvaro Reis, James L. Kennedy, Edmundo A. Tilly e Guilherme B. Bagby. Registramos aqui a nossa gratidão por este auxilio, que de tão boa vontade mais uma vez nos prestaram os nossos amigos e irmãos.

Em reunião da Directoria, effectuada no dia 1º do corrente mez de Junho, foi resolvido que a primeira Assembléa Geral de fim de anno tenha lugar na terça-feira 22 do corrente para prestação de contas, apresentação de relatorios e eleição da Commissão de Exame de Contas, e que a segunda Assembléa Geral para ouvir-se o parecer desta ultima commissão e eleger-se a Directoria tenha lugar no dia 6 de Julho proximo futuro, sendo tambem celebrado nessa occasião o 4º anniversario da Associação. A Directoria pede o comparecimento de todos os socios a estas duas assembléas importantes.

A Commissão de Compromissos, que está promovendo o leilão de prendas em beneficio das obras da nova casa, e que terá lugar no dia 14 de Julho proximo futuro, pede a todos os amigos, e especialmente aos membros das Comissões Angariadoras, o favor de entregar os objectos recebidos na Casa Methodista á Rua da Assembléa n. 81, até o dia 10 do mesmo mez de Julho.

LEMBRANÇAS DO PASSADO

XXV

Si algum dia houver quem emprehenda escrever por extenso, e com toda a fidelidade possível, a nossa historia evangelica luso-brasileira, cremos que achará que o mez de *Agosto* é fecundo em successos memoraveis.

Os nossos irmãos "Madeirenses" tinham, talvez ainda tenham, o costume de guardar n'este mez em memoria a crise que experimentaram em 1846. Não havia pre-arranjo da parte humana para conseguir tantos resultados n'um mesmo mez em tantas occasiões, e em differentes logares.

No artigo antecedente temos contado alguma cousa que acontecêra no principio de Agosto de 1861. Em continuação recordaremos outros eventos graves enlaçados n'aquelles dias.

Na tarde de Domingo, 11 de Agosto, "houve ajuntamento na casa n.º 52, Rua do Proposito, como de costume. Estavam presentes cidadãos da França, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Hollanda, Suissa, Brazil e dos Estados Unidos em tudo, pouco mais ou menos, sessenta (60) pessoas." A's cinco horas da tarde "entraram quatro pessoas sem licença, que não é conforme o costume; mas vendo-se que se assentaram quietamente, não se lhes pediu que sahisses. Demoraram-se uma hora, e sahiram antes de acabar o ajuntamento. Logo que sahiram, foram jogadas pedras, das quaes algumas chegaram até dentro do quarto.

"Sahi u de um dos arrendatarios (i. e., o Snr. Doutor) da casa, e vendo certas pessoas no acto de jogar pedras, esforçou-se por prender uma d'ellas, mas não o podendo, voltava para casa, quando ouviu atraz gritos de *Judeu, Mouro, biblia!* Virou-se, e perguntou aos que gritavam se lhe fallavam a elle. Tornáram a repetir os mesmos gritos: chegando n'esse instante um senhor encapotado e dous pedestres, se lhes disse o que acontecêra, e expressou-se um desejo de que viesse o Inspector.

"O encapotado respondeu que elle era o inspector e fallou d'uma maneira que divertia os amotinadores, e insultava aquelle cuja casa fôra violada. Voltando este para casa, encontrou na rua alguns que costumavam assistir ao culto, e justamente com elles foi olhado com furia pelos homens que estiveram com o Inspector, e que não eram prohibidos de seguil-o.

"Das seis horas até ás sete, ou pouco mais, a rua ficou quieta. Os moradores n'essa casa estavam conversando, e com elles cinco pessoas de visita, quando se deu uma pedrada na janella proxima ao lugar onde se assentavam.

As cinco pessoas logo sahiram, e foram insultadas e atacadas na escada e na rua, e uma

d'ellas levou uma grande ferida na testa (*) que lhe fizeram com um páo. Logo continuaram a atirar pedras para a casa, accompanhadas de grandes gritos, de ameaças de morte, e de deitar fogo na casa.

"O Snr. Doutor e o Gama trataram de fortalecer as portas e janellas do primeiro andar; e do segundo gritavam o mais possível *Polícia! Socorro!*

"Mas a unica resposta era a chuva de pedras dos amotinadores e gritos de *Judeu! Mouro! Diabo! Biblia! Biblia—Mata! deita fogo na casa!*

"Depois de meia ou tres quartos de hora de ataque, vendo os amotinadores que a autoridade não apparecia, iam subindo pelas escadas para arrombar a porta e cumprir as ameaças de fogo e morte."

N'este momento extremo de perigo, um dos moradores da casa se lembrou de resfriar o zelo d'esses malvados, pegando n'algumas garrafas, e jogando as com força contra o muro abaixo. A chuva de vidro fez recuar os sitiadores: da rua, porém, continuaram o bombardeio de pedras.

"As oito e meia subiram dous Inspectores accompanhados de mais de 200 (duzentas) pessoas: declararam-se autoridades, e exigiram que se lhes abrisse a porta. Foi-lhes dito da janella, que se eram autoridades, porque consentiam os amotinadores continuar com os seus insultos e violencias, e mesmo entrar assim em um predio particular. A resposta foi, que abrisse a porta.

"Recusando-se a isso, o Snr. Doutor, receberam voz de prisão os donos da casa, no meio dos applausos dos amotinadores.

A's nove horas chegou o Illm. Snr. Subdelegado. Com a sua chegada, cessou o barulho, e elle mandou o povo se retirar, o que fizeram.

"O Subdelegado pediu para entrar. Foi-lhe franqueada a porta, e depois de ter conversado com o Snr. Doutor, deixou dous soldados em casa, e alguns na rua. Os amotinadores não se retiraram todos até a meia-noite.

"Atacáram tambem as casas dos Srs. João Severo e João Meckerstrom na mesma rua.

"No dia seguinte (segunda-feira, 12) o Snr. Gama participou ao Consul Americano o occorrido, e o Sr. Dr. Kalley ao Consul Inglez; e por pedido do Snr. Subdelegado deu-se parte ao Sr. Chefe de Policia, que prometteu dar providencias."

E' provavel que o Pastor passou alguns dias na Tijuca: não parece que estava perto quando continuava as desordens d'esse dia.

"N'esse dia 12, o barulho continuou, não obstante a presença d'um inspector e soldados o Sr. José Bastos foi atacado nas escadas. De

(*) Extrahido do *Correio Mercantil* até aqui. O resto extrahimos das notas do Sr. Santos, com addittamentos.

noute espancaram João Meekstrom e sua mulher e um filhinho que levava nos braços e que voltavam para casa: deram com uma garrafa nas costas do Manoel Vieira.

"A casa do João S-vero continuou ameaçada, esta e mais algumas noutes.

"Mas desde aquella noite, em consequencia das providencias dadas, não houve mais tumulto.

Supponho que o Dr. Kalley foi avisado logo do que passava na Segunda-feira, e que na terça ou quarta-feira escreveu a seguinte carta ao Sr. Gama. Infelizmente não tem data.

"Recebi sua carta, e quanto mais olho as circumstancias, tanto mais me parece que havemos de deixar os ajuntamentos na Saude. O caracter do povo á roda, a parte tomada pelas autoridades e a frieza de outros, fazem-me crêr que não se darão as providencias que são necessarias para dar segurança de vida alli

"Parece-me que ha mais esperanza de ficar e poder promover a verdade (*) em outra parte da cidade. *Se vos perseguirem n'um lugar, vai para outro.* (**) Havendo mais ajuntamentos, e muito mais pequenos, podiamos ainda trabalhar sem ser observados. Parece da vontade de Deus ficarmos muito quietos por algum tempo. Sem isso eu creio que seria impossivel tanto para mim como para voss. ces ficar muito tempo n'este paiz.

"Ouço que vão indagando no Arsenal, e quero saber quanto antes o que se faz.

"Supponho que ninguem pensa de fazer ajuntamento em nossa Casa no Domingo. Seria muito imprudente. Espero em breve escrever ou ver-lhe.

"P. S. Tenho muita pena de vós, e dos incomodos e desgostos que tendes soffrido tambem como do Hollandez e sua mulher e filhos, e do Sr. João Carvalho.

"Quero ouvir quando os despedidos do Arsenal acham outros empregos. O que lhe parece a respeito de mudança da casa para algum lugar distante?

"Por aqui não temos novidade."

.....
No dia 14 (quarta-feira) o Dr. e a Senhora foram passar alguns dias no Hotel dos Estrangeiros (Rua Direita?) Visitou-os a miudo o Illm. Sr. *Chargé d'Affaires* da Legação Britannica, e no domingo 18, conduziu em seu carro particular o nosso Pastor á Igreja Anglicana, demonstrando d'esta fórma ao publico que os successos dos dias passados não poderiam ser repetidos com impunidade.

No dia seguinte, i. e. quinta-feira 15, publicou uma das gazetas um artigo sobre o que se passara na Freguezia da Santa Rita, e assi-

gnado por "*Um homem medroso.*" N'esse mesmo dia 15, "repartição da Policia central se julgou obrigada a mandar publicar em todos os jornaes do dia 15, uma especie de boletim official, narrando os factos pelo modo por que chegaram ao seu conhecimento.

.. Mas a Policia não nos diz, e talvez mesmo não tratasse de averiguar, quaes foram os autores e promotores d'esses tumultos, e se a policia local e os inspectores dos quarteirões visinhos tiveram n'elles uma parte positiva ou negativa....

"Em certa casa visinha existia, segundo consta, uma boa provisão de cacetes para serem distribuidos ao povo amotinado.... No dia de maior tumulto emquanto o Inspector Marciano gritava—*Accomode-se, povo!*— por uma especie de ventriloquia surdida ao mesmo tempo entre o tumulto uma voz que dizia:—*Fogo, rapaziada n'esses inglezes e n'esses judeus!*— o que com effeito foi executado."

As desordens continuaram até o sabbado, mas no domingo foi o primeiro dia de socego. "No Domingo 18 do corrente continuou o ajuntamento, para o culto de Deus, como antes. Houve socego."

N'esse mesmo domingo veio á luz o primeiro numero da folha "catholica" romana *A Cruz* E' curioso que este titulo é parte do titulo na capa d'um opusculo protestante que cremos que estava agora na Alfandega, (ou era esperado), e que deu muito que fazer.

Na segunda feira, 19, "O Sr. Dr. Chefe de Policia expedio circular aos Delegados e Sub-delegados, na qual, reconhecendo consagrar a constituição politica do Imperio, art. 5.^o— a tolerancia de todas as religiões— uma vez que o seu culto seja domestico ou particular, em casas para isso destinadas sem fórma exterior de templo, recommendou-lhes o emprego de todo o seu zelo e actividade, e dos meios adequados para não serem perturbados na pratica de seu culto os sectarios das diferentes religiões, guardada a condição da constituição processando e punindo aos que fizerem demonstrações, promoverem ajuntamentos illicitos ou assuadas com o fim de impedir ou embarçar o exercicio d'aquelle direito, recommendando ao mesmo tempo áquellas autoridades que façam tambem effectivas as penas dos arts. 276, 277 e 278 do codigo criminal aos que commetterem qualquer dos crimes n'elles definidos."

O *Diario do Rio* sentia que não podia explicar as doutrinas ensinadas na Rua do Proposito.

"Para satisfazer este sentimento o Sr. Doutor publicou na mesma folha no dia 27, as doutrinas por elle ensinadas, as quaes de bom agrado foram acceptas pelo Redactor, não exi-

(*) Até aqui escripta pelo punho do Sr. Dr. Oresto está na lettra da Sra. Kalley.

(**) Matt. X. 23: "*Quando vos perseguirem n'uma cidade, fugi para outra*"

gindo paga, e declarando ter sido mal informado." (*)

O *Jornal do Commercio* publicou alguns artigos em que o Illm. Sr. Dr. Souza, subdelegado, era accusado injustamente; por essa causa julgou o Sr. Gama conveniente e proprio, publicar uma declaração, e visto que ella contém dados interessantes, a collocaremos aqui em extenso:

"Eu abaixo assignado, morador na casa, 52 Rua do Proposito Saude, tendo lido com muita pena os artigos no *Jornal do Commercio* accusando o Illm. Sr. Dr. Souza, subdelegado do 2º districto de Santa Rita, de ter máo do conhecimento dos direitos constitucionaes dos estrangeiros no Brazil, testifico com muitos sentimentos de gratidão e respeito que, quando o procurei sempre me tratou como um senhor de bem, que, logo quando appareceu na noite da assuada (domingo, 11 do corrente), parou a violencia, sendo nossas propriedades e pessoas guardadas por suas providencias: e não só tivemos o nosso culto em paz nos domingos 18 e 25, mas que temos estado em socego em todas as horas do dia e de noite desde o dia 17. Rio, 29 de Agosto de 1861.

(assig): *Francisco da Gama.*"

O Sr. Dr. Kalley estava em Petropolis, e na quinta-feira 29, teve culto em sua casa ahi. Escreveu ao Gama no dia seguinte, dizendo: "Aqui ameaçavam hontem dar pedradas, e seguir o exemplo dado na Saude e as ameaças eram taes que deu-se noticia ao delegado da Policia e elle mandou pedestres a guardar durante o nosso ajuntamento: Tudo ficou em paz."

Introduzimos n'este logar uma outra carta do Sr. Gama:

"Incluso remetto um papel para se tirar da Alfandega uma porção de livrinhos que chegaram pelo paquete. Não fique pasmado pela figura na capa: não é do Salvador, mas sim de

O Ladrão na Cruz

como se verá pelo nome....

"Se for direito de vender estes agora, o preço deve ser uma pataca ou um cruzado.

"Se as ameaças, porém, forem taes que parece provavel que os inimigos empreguem violencias, o subdelegado deve ser informado e os consules.... mas julgo que não farão nada.

Se o Sr. Jardim resolveu a tomar uma licença de vender livros, póde abrir uma conta com elle dando-lhe o que desejar.

"Os ameaçadores aqui parecem calados depois da publicação da circular do chefe de Policia na gazeta de Petropolis.

(*) «Notas» do Sr. Doutor.

Na sexta-feira á noite 6 de Setembro (*) não houve reunião na Saude. "Só eu (Gama) e José é que ficamos em casa: estivemos de sentinella: Toda a noite houve na casa da frente muita brincadeira conforme o costume nos mais annos— toda a noite musica e muito fogo a rua toda cheia de povo: mas não se ouvia nem uma palavra a respeito de nós....

"Tivemos o nosso culto hontem (Domingo 8) de manhã 32 pessoas e de tarde 21: O Sr. Pitt esteve de manhã e de tarde (para dirigir o culto assim cremos)....

"Recebi hontem uma carta do irmão José Pereira, com data de 30 de Agosto, escripta de S. Fidelis.

"O hespanhol já hoje foi trabalhar por dia.... e deu-me a licença. Elle mesmo nada ou quasi nada fazia.

"Estamos agora á espera de V.. S e da Senhora para estar aqui nesses tempos....

LUZO BBAZ.

AS CATACUMBAS DE ROMA

CAPITULO IV

AS CATACUMBAS

(Continuação)

Reflecti por alguns momentos sobre o estado dos partidos e systemas contendores de Roma, em conflicto mortal, durante a occupação das Catacumbas. Por um lado se impunham *todos os poderes do mundo*—os imperadores de Roma, cuja vontade era a lei; um exercito poderoso; toda a riqueza de Roma; todo o conhecimento do periodo de Augusto; todo o talento de philosophia e sciencia "assim chamada falsamente;" um sacerdocio, cuja influencia se estendia aos limites do imperio romano e cujo poder excedia talvez a do proprio imperador; todos os governadores; a grande maioria do povo; e o prestigio de antiguidade a favor de uma religião admiravelmente adaptada ao degenerado coração humano.

Por outro lado achamos uns homens pobres, illetrados e desprezados, escondidos em "cavernas da terra" sem armas ou recusando usal-as; dizimados por repetidas perseguições, oppondo-se aos seus inimigos, não com armas carnaes, mas abençoando-os e orando por elles, e ainda achamos mais de um imperador declarando que eram *incorrigiveis*, ou em outras palavras *invenciveis*.

De vez em quando foram proclamados edictos exterminando-os da terra; e foram levantadas inscripções para celebrar e per-

(*) Na vespera da festa da «Independencia do Brazil.»

petuar os supostos successos das perseguições. Em seguida acham-se, duas preservadas por escriptores antigos:

DIOCLECIANO CESAR AUGUSTO, TENDO ADOPTADO GALERIO NO ORIENTE; A SUPERSTIÇÃO DOS CHRISTÃOS DESTRUIDA EM TODA A PARTE E PROPAGADA A ADORAÇÃO DOS DEUSES.

DIOCLECIANO JOVIO, E MAXIMIANO HERCULES (CESAR AUGUSTO); O IMPERIO ROMANO AUMENTADO POR TODO ORIENTE E OCCIDENTE; E O NOME DOS CHRISTÃOS, QUE ESTAVAM DERRUBANDO A REPUBLICA ROMANA, APAGADO. (1)

Nunca se achou na historia do mundo um caso tão patente da pouca intelligencia do homem e da obra irresistivel da providencia de Deus. Dentro de dez annos depois do reinado de Diocleciano, a *superstição destruída em toda a parte e o nome apagado*, veio a ser a religião prevalecente e estabelecida, no imperio romano. A semente lançada na terra imbuída desde logo com a vida divina e regada continuamente com a benção divina, brotou logo e assegurou o seu poder derribando o systema degenerado que impediu por certo tempo o seu progresso.

Porém, algum poderá observar, talvez— se o christianismo é divino porque não chegou antes ao mundo? A isto responderei resumidamente — que Deus é soberano: “Elle obra como quer nos exercitos celestiaes e entre os habitantes da terra.”

Ninguém terá o direito de perguntar-Lhe; “Quem fazes?”

Porém, alem desta resposta geral, penso que ha razões apparentes por ter a vinda de Christo sido retardada.

Não haveria mostra de sabedoria na demora do auxilio divino, até que o homem provasse á sua satisfação a sua nullidade?

O homem é tão soberbo, tão cheio de si, que certamente lhe era proprio experimentar uma religião sua, que devia estar cheia de suas idéas — antes de tentar intervir a seu favor. Acaso fazemos isso com os que entre nós se mostram orgulhosos? “Deixae-os ir á vontade,” dizemos nós, “e que experimentem os seus proprios remedios; e quando descobrirem que precisam de auxilio, o aceitarão com muito gosto.” Penso que quando se passarem mais alguns milheiros de annos — e para Deus elles são como um dia — todos admittirão que a agitada infancia deste mundo, sua desordem moral e seus almejos por paz e ordem, não terão deixados de ser uteis; as mudanças chaoticas da superficie physica da terra em seculos passados estão supprindo as nossas faltas e confortos, bem como o progresso humano. Podia mostrar, se o espaço

me permittisse, que o periodo escolhido para a missão de Christo foi admiravelmente adoptado ao fim contemplado; em que o mundo tinha vindo a ficar sob um imperador, cuja politica tolerava todas as religiões; de maneira que o christianismo foi levado, mesmo no seu principio, ás ardentes areias da India, bem como ás neves da Siberia, em que as escripturas e prophecias judaicas tinham sido traduzidas para o grego e a litteratura d'aquella nação culta tinha sido profusamente espalhada por todo o mundo, em que as desgraças que tinham sobre vindo á Palestina haviam espalhado os judeus por “toda a nação debaixo do céu”. Todas estas circumstancias concorreram para propagar mais o christianismo, em quanto elles indicavam que a “plenitude dos tempos tinha chegado.”

Outros poderão dizer — Se o christianismo era de Deus, porque derribou logo o paganismo e não o destruiu immediatamente?

Deus não obra assim, quer no mundo moral, quer no espirital. Os terremotos e tufões não são os seus meios *ordinarios*, mas *extraordinarios*. A razão porque elle não obra assim não é da nossa conta; comtudo poderemos vigiar e seguir as suas obras na natureza; e acharemos que concordam com os seus feitos na providencia. “Deus tem a eternidade perante Elle”, como diz Agostinho, “e póde esperar”. O seu tempo não é limitado como o do homem, que, se tem alguma coisa a fazer, deverá “fazel-a com toda a sua força.” pois “a noite vem, quando nenhum homem poderá obrar”. Porém, não é assim com Deus: Elle obra, em nosso pensar *deliberadamente*, segura e irresistivelmente.

(Continúa)

CORRESPONDENCIA

BAHIA

Nosso irmão Domingos de Oliveira, dá-nos uma descripção de sua viagem a Bahia e diz:

“Bahia, 3 de maio de 1897.

Depois de dous dias de viagem cheguei a esta babilonica cidade no dia 3 do passado. A minha viagem foi muito boa, o mar esteve sempre um pouco encapellado, comtudo eu nada soffri, graças a Deus.

No dia em que eu aqui cheguei, os negocios estavam um pouco parados, perguntei qual era o motivo e disseram-me que nas sextas-feiras o povo devoto vai para a igreja rezar e jejuar.

A primeira cousa que se procura ver aqui é uma igreja chamada do Bomfim. Procurei saber alguma cousa acerca d'ella e disseram-me que todos os annos ha lavagem da

[1] Segundo Gruter, acham-se estas inscripções na Hespanha sobre duas columnas. Foram citadas na “General Church History” de Neander 1.210.

igreja, que os pretos e as pretas munidos de vassouras e agua lavam a igreja toda antes da festa e, depois de lavada, fazem uma procissão com as vassouras, lavam-se na agua suja e continuam as danças, acabando tudo por uma forte pancadaria, devido á grande quantidade de cachaça que o juiz da festa manda para os lavadores do templo. Este povo é muito supersticioso e idolatra.

Estive hontem (domingo), na igreja presbyteriana, o culto esteve regularmente concorrido; logo depois seguiu-se a escola dominical é apenas uma ou duas pessoas se retiraram. Todos ficaram para assistir á escola. O que mais me impressionou foi a classe dos meninos.

Havia mais de 50 crianças divididas em duas classes. Todas estavam muito attentas e no fim todas decoraram o texto aureo e cantaram muito bem.

Esses meninos são alumnos da escola que funciona no mesmo edificio onde funcionava a igreja.

Fiquei um pouco triste por não encontrar aqui nenhum moço crente, apenas encontrei um moço inglez empregado no London & Brazilian Bank.

Fallei-lhe da nossa associação e elle mostrou-se muito satisfeito por saber que já tinhamos uma associação tão bem organizada. Disse-me que era membro da *Christian Endeavour*. Eu espero organizar aqui algum trabalho para o progresso do reino de Nosso Senhor, e elle assim quizer.

Não se esqueça de mim em suas orações, para que o Senhor me dê o tino e a sabedoria necessaria para que eu possa dirigir tudo conforme a sua vontade santa.

Peço-lhe que me recomende ao Camargo e diga-lhe que breve lhe escreverei uma longa carta."

PONTA DELGADA

Ponta Delgada (Açores), 13 de Abril de 1897.

Caro irmão em Christo :

O Senhor encha de graça a todos os AMIGOS DE JESUS (João XV : 14).

Satisfazendo ao desejo da Sra. D. Maria Amelia de Medeiros, venho narrar-lhe, em breves palavras, a historia dos seis mezes que o nosso Bom Deus quiz conservar como sua testemunha em Villa Franca do Campo o irmão José Pacheco de Medeiros, que agora habita a morada celeste.

Esta familia Medeiros que recebeu carta demissoria da Igreja Presbyteriana do Riachuelo chegou a esta ilha em Outubro

de 1896, e estabeleceu em seguida a sua residencia em Villa Franca do Campo, que fica 26 kilometros a E. desta cidade.

Tendo offerecido a sua casa para termos alli algumas conferencias evangelicas, realizamos a primeira, pela graça de Deus, no dia 2 de dezembro, assistindo umas 27 pessoas, quasi todas por convite particular. A reacção contra o Evangelho tem sido grande nesta ilha, por causa das falsidades que os padres estão sempre espalhando contra os protestantes, e por isso convinha ir assim de vagar. Mas, ainda que tão pequeno foi o numero de ouvintes nesta e na segunda reunião, todavia isto bastou para exasperar os ministros das trevas, e logo no dia feriado seguinte (dia 8 de dezembro, Senhora da Conceição, padroeira do Reino.) á hora da missa, os padres fizeram uma falla ao povo, incitando-o contra a familia Medeiros. Clamaram que havia chegado já a heresia áquella villa e que na rua da Natividade havia uma eschola de livros falsos, que convinha extirpar emquanto antes. Em seguida veio um dos mais atrevidos procurar o Sr. Medeiros, dizendo-lhe que que queria ver os livros que tivesse em sua casa. O Sr. Medeiros respondeu-lhe que achava que a hora não era opportuna, e que tivesse a bondade de vir de tarde, que talvez houvesse mais algumas pessoas que quizessem examinar os livros. Nesse mesmo dia, pelas 6 horas da tarde, começou a acudir uma grande multidão de homens, mulheres e creanças, que, á fina força, queriam entrar na casa do nosso irmão Medeiros. Elle então deu ordem para que entrassem só 6 homens dos que mostravam ter mais alguma illustração, e foram estes os que vieram examinar os livros. Entretanto a população na rua gritava "Deita para fóra! Deita para fóra!" e apedrejavam a casa. Veio á porta um dos seis pedindo que socegassem porque até alli nada se havia encontrado de máo, mas a turba não cessava de gritar, até que chegou o chefe dos zeladores com alguns guardas e tratou de dispersar a multidão, o que só conseguiu a muito custo. No dia seguinte o Sr. Medeiros apresentou-se ao Sr. administrador do concelho, dando-lhe conta do ataque dirigido á sua casa. O administrador mostrou-se um pouco cortez, e só por uma formalidade mandou lavrar auto de investigação, ao que nunca deu andamento. Os padres sentindo-se acobertados pela auctoridade, continuaram a vociferar contra os protestantes, utilizando todos os meios de persiguição contra a familia Medeiros. Num jornal que elles alli publicam com o titulo de *Liberdade* (!) dirigiram uma intimação com ameaça a professora que ensinava as meninas do Sr. Medeiros, ordenando-lhe que não deixasse estas fallar com as outras meninas, que

não as mandasse sair juntas, etc., etc., tudo para evitar o *contagio da heresia*. A professora, calculando até onde podia chegar o effeito desta intimação, e receiando perder os seus interesses, achou por melhor negar instrução ás *meninas hereges*, e assim as despediu da sua escola. Os jesuitas tinham conseguido em parte seu fim, mas pela graça de Deus não obtiveram o desejado triumpho, porque com todas estas cousas, o nosso saudoso irmão e sua querida senhora, não desanimaram e perseveraram no mesmo posto. Continuaram annunciando particularmente o Evangelho em algumas casas que ainda lhes abriam a porta, até que no dia 2 de fevereiro realisámos nova conferencia.

Neste mez sentiu-se muito doente o Sr. Medeiros, e chamando o medico, este reconheceu-lhe uma grave doença do fígado e diabetes. A principio inchou muito, mas pela acção dos medicamentos, ou por alguma alternativa propria destas doenças, experimentou em seguida alguns allivios. Neste interuallo, fui outra vez nos dias 18 e 19 de março, a convite daquella familia, e ainda no dia 18 sahi commigo o Sr. Medeiros, afim de convidar algumas pessoas para a conferencia que resolvemos ter nessa noite. Achava-se menos inchado, e com a minha visita havia se reanimado. Estava muito satisfeito por ver como o conhecimento da Palavra de Deus se ia entre aquellas 7000 e tantas almas, de modo que havia despertado interesse a algumas dessas almas e já tinha recebido pedidos para, na primeira occasião que eu allí fosse, avisar algumas pessoas de illustração que desejavam ouvir o Evangelho. Com effeito, nessa noite mais de 100 pessoas acudiram á prégação do Evangelho, e por umas 2 horas e meia mantiveram uma attenção extraordinaria. enquanto lhes explicava as duas primeiras parabolhas do cap. XV de S. Lucas. Os dois quartos junto da entrada estavam litteralmente cheios e talvez umas 20 pessoas se retiraram por não terem logar. Houve negociantes que fecharam as suas lojas para irem ouvir. Terminei quando vi que a hora era já bastante adiantada e que o ar estava muito viciado dentro dos quartos. No dia 19 a concurrencia foi egualmente boa, mas houve na rua alguma algazarra de ébrios que assim *solemnisavam* o novo *dia santo* (dia de S. José). No emtanto, tudo concluiu em ordem, graças á Deus. Fallei-lhes nesta noite sobre os primeiros versiculos do cap. VIII de S. Matheus. Numa das ultimas visitas que fiz ao nosso irmão Medeiros, soube que o administrador que então estava servindo interinamente, mandára um amanuense e alguns guardas fazer a policia na rua da Natividade, na occasião da nossa ultima conferencia, e que no dia seguinte, tendo

lavrado auto de investigação e colhido testemunhas, mandára para o tribunal uma queixa contra os motores da algazarra.

O padre vigario da freguezia de S. Pedro daquella villa, proferio na egreja, logo depois destas reuniões evangelicas, uma furibunda maldição contra todos os que haviam tomado parte nellas. Commentava-se, porem, entre o povo, ter o padre amaldiçoado ou excommulgado desta vez *com a mão esquerda* e alguns concluíam que por este facto, a maldição devia ficar nulla!

A doença do nosso irmão Medeiros caminhava, infelizmente, a passos gigantescos, e em poucos dias manifestou-se d'uma forma a deixar prever um breve desenlace.

Com effeito, no dia 6 de abril, recebi um telegramma com a triste noticia do fallecimento do nosso querido irmão José Pacheco de Medeiros. Parti immediatamente para Villa Franca do Campo. Chegando allí na noite de 6, soube mais detalhadamente do lindo testemunho que dera o nosso fallecido irmão. Sempre fallando de Jesus e seu amor, quando as forças lh'o permittiam, e provando a sua verdadeira confiança no unico Salvador dos peccadores. Poucas horas antes de expirar, havia chamado a senhora e as duas filhinas, e entre outras palavras de exhortação, dissera-lhes que ia para o céu, que Jesus o chamava, mas que ellas não podiam ir ainda, que tinham de ficar para dar testemunho. O seu passamento deu-se como um placido adormecimento. Nem uma convulsão nem um arranco: pode-se dizer que em toda a accepção da palavra, "dormio no Senher." Gloria a Deus!

Nodia seguinte fui tratar dos documentos para o enterro, acompanhando-me nestes passos um irmão que fora commigo para allí. Era este o primeiro caso de registro civil naquelle concelho. O escrivão do regedor disse-me que não havia já registro civil; que estiveram os livros preparados, durante annos e que, por ninguem precisar *disso*, acabaram com essa lei. Eu respondi que iria procurar o Sr. administrador, e que elle me diria a razão porque a tão pouca distancia da cidade, capital deste districto, se postergava a lei. Com alguns individuos com quem fallei, na villa, pude vir a saber que inimigos da Luz se estavam empenhando para que as auctoridades não consentissem que o enterro se fizesse allí, e que o cadaver fosse transportado para a cidade de Ponta Delgada, afim de que se evitasse esta manifestação do Evangelho. Isto me levou a insistir cada vez mais para que este acto tivesse logar em Villa Franca. Quando entrei na administração, encontrei allí o escrivão do regedor, que occupou tambem o logar de amanuense nesta

repartição, e pude comprehender que já o administrador devia estar ao facto do occorrido. No entanto, este funcionario, que ha poucos dias tinha assumido este cargo, mostrou-se em extremo attencioso, e confessando a sua inesperienza nesta materia, foi accetando algumas informações que lhe pude fornecer. A principio recusou accetiar a minha petição, allegando que a lei falla de pessoa familiar ou vizinha, e que a mim me considerava como extranho em relação á familia e á vizinhança; quiz que viesse a viuva do fallecido mas objectei que a occasião era impropria, e só em ultima necessidade deveria ser incommodada essa senhora. Por fim resolveu-se a mandar lavar registro de obito, depois de mandar perguntar ao preposto do recebedor da comarca si elle se responsabilisada a assignar o termo, como antigo vizinho e amigo do fallecido. Obtendo resposta affirmativa, deu então completo despacho, mandando todavia, que o cadaver fosse sepultado no recinto do cemiterio reservado para os não catholicos. Este é o lugar onde se enterram as crianças que morrem sem serem baptisadas e que o povo catholico destas ilhas diz que *não tem almas*. Que heresia! Dizem mais que este terreno se differença do outro cemiterio pela razão de que o outro foi *sagrado com agua benta e latim* e este não. Note-se que são os padres que assim o ensinam. Mas o que é de veras glorioso para o Evangelho, é que isto veio dar logar a largos commentarios, havendo algumas pessoas illustradas que censuravam terem-se sepultado tantos criminosos e até atheus no chamado *terreno sagrado* e que este cidadão pacifico, moral e christão era sepultado num logar á parte do campo commum. Tudo isto só se pode explicar pelo secular odio sacerdotal!

Em casa, depois de entoarmos o hymno 76, li uma parte do cap. XI de S. João, e fiz uma breve pratica sobre os vers. 25 e 26, concluindo com oração. O feretro seguiu em boa ordem, juntando-se muita gente que o acompanhou até á beira da sepultura. Nas janellas, nos balcões e pelos muros viam-se muitas senhoras com os guarda-sóes abertos por causa do sol fortissimo que fazia. Passando junto ao convento das freiras, ouviram-se algumas vaias e assobios que partiam de uns individuos que se achavam postados em frente duma taverna; porém, dos mesmos vilafranquenses que formavam o prestio, houve quem mandasse calar os sediciosos. Chegados ao cemiterio, ainda tivemos que esperar uns 20 minutos para que acabassem de abrir a cova, mas todo o povo esperou em boa ordem e só falando baixinho. Quando comecei lendo no cap. XV da 1.^a aos Corinthios, do qual li a segunda parte, todos os circumstantes se descobriram respeitosaente. Dirigi-lhes uma

pratica sobre o vers. 49, que foi escutada com toda attenção, e conclui com oração de joelhos. Era uma hora da tarde quando o corpo baixou á sepultura. Estavam presentes umas 200 pessoas ou mais. Distribuiram-se muitos folhetos. Da cidade vieram 9 irmãos para conduzir ou acompanhar o feretro.

Graças á Deus, foi linda essa manifestação e tudo correu muito bem. Soube mais tarde dum plano que os inimigos do Evangelho haviam forjado para nos mandarem apedrejar e obrigarem a abandonar o caixão, mas pelo grande poder de Deus esse plano saiu-lhes frustrado. Gloria a Jesus!

Este bom testemunho serviu de grande lenitivo á dôr da nossa irmã viuva, com a qual depois nos reunimos em oração e acção de graças ao nosso Bom Pae, a cuja graça a encommendamos, bem como as duas orphaninhas e os ausentes dessa familia.

Tão notavel acontecimento para aquella villa, foi o assumpto mais importante de que se occupou quasi todo o numero de 10 de abril do já referido jornal *Liberdade*. Entre muitas mentiras e disparates, vem isto: "Ha mezes, que se achava nesta villa o Sr. Medeiros ASSALARIADO PELA PROPAGANDA PARA ANGIARIAR ADEPTOS. Morreu porém, CERTAMENTE COM O DESGOSTO DE NENHUM CONSEGUIR e de ser desprezado publicamente (!!!).

Vejam que consciencias! Deus se compadeça das almas destes calumniadores.

Saudando com affecto christão a todos os irmãos e amigos. Creia-me seu Mto. Resp. e servo dos servos de meu Senhor.

JOSE' AUGUSTO DOS SANTOS E SILVA

NOTICIARIO

Sociedade Christã de Moças.—No dia 14 de Maio passado, reuniram-se as socias dessa sociedade na casa de oração da Rua da Praia, em Niteroy.

Canticos e orações, entrega de costuras e recebimento de novos trabalhos—uma animação constante reinou em toda a reunião.

A Secretaria Geral relatou diferentes episodios do trabalho evangelico em Passa Trez, o que muito agradeou ás socias. Causou tristeza geral a noticia dada pela Presidente que declarou retirar-se para Europa, ainda que por algum tempo. Palavras de animação, porém, foram proferidas por ella, incitando-as a irem avante no trabalho já encetado.

—Communica-nos a Secretaria Geral que no dia 3 do corrente, na casa de oração da

rua Larga de S. Joaquim e sob a presidencia de D. Evangelina Gallart, houve a reunião mensal dessa sociedade. Cerca de 27 socias estiveram presentes, mostrando-se bastante animadas com o trabalho da Sociedade.

As reuniões dessa Sociedade, na Capital, têm lugar na rua Larga de S. Joaquim n. 179, na primeira quinta-feira e em Niteroy, na Rua da Praia n. 141, na segunda sexta-feira de cada mez.

Em ambos esses lugares, as reuniões começam ás 5.30 da tarde.

A. C. M.—O leilão de prendas em favor do credito que está se edificando para a *Associação Christã de Moços*, deve realizar-se no dia 14 de Julho.

As prendas ou donativos podem ser dirigidos ao Sr. Nicoláo A. Rodrigues á Rua da Assembléa n. 81 ou ao Secretario Geral á Rua da Assembléa n. 96.

Egreja Evangelica Fluminense.—Foram recebidos como membros dessa igreja no dia 1 do corrente, Manoel de Carvalho Ondas e sua senhora Francisca Maria de Carvalho Ondas. Elle foi recebido por profissão de fé e baptismo, ella por transferencia da Egreja Evangelica Pernambucana.

Nossos parabens.

Egreja Presbyteriana.—No dia 6 do corrente fizeram publica profissão da sua fé os Srs. Alberto Pereira dos Santos e Baptista Fortes, e bem assim foi recebido o irmão Benedicto por carta transmissoria da igreja. Na mesma occasião a collecta levantada para Missões Nacionaes e o Seminario Theologico attingiu a somma de 300\$000.

De ora avante o culto e pregação da Palavra nesta igreja será ao meio-dia aos domingos, sendo a Escola Dominical transferida para 11 horas da manhã, encerrando-se ás 11 horas e 45 minutos, assim dando um intervallo de 15 minutos antes de principiar o culto.

O Christão.—Pede-se encarecidamente áquelles que nos honrarem com suas correspondencias, o favor de declararem o lugar onde residem.

Os nomes de novos assignantes, e suas residencias devem ser escriptos claramente, de modo a não haver duvida na remessa do jornal. O escriptorio da redacção continúa a ser na rua da Assembléa n. 96.

Casamento.—Em 8 do corrente o Pastor da Egreja Evangelica Fluminense, depois do casamento civil, celebrou o casamento religioso do Sr. Thomaz Placido Teixeira de Farias com D. Alice de Souza Lobo, ambos membros dessa igreja. Parabens.

Mambucaba.—O bispo na sua viagem realisada a este lugar, não fez senão falar contra os evangelistas, dizendo que estes são lobos com capa de ovelhas.

O irmão Pires calcula em 600 o numero de pessoas que assistiram á essa pregação.

Mas parece que o resultado foi nullo para elles; o povo já depois disso ouviu a pregação do Evangelho.

Porto.—O Revd. R. A. Moreton, ministro methodista na cidade do Porto, está fornecendo musicas para o *Amigo da Verdade* correspondentes a alguns hymns que não se acham em livros ao alcance de todos.

Recebemos um avulso com o hymno que publicamos em outra parte desta folha sob o titulo *A Ceia do Senhor*. Tambem temos a agradecer o recebimento de outro avulso com um hymno para creanças acompanhado de sua musiva de Solfejo Tónico.

Niteroy.—Acaba de fallecer nossa irmã em Christo D. Eunice Andrade, filha do irmão A. V. de Andrade, de Niteroy. Passou desta vida, cheia de alegria, aos braços do Salvador na madrugada do dia 18 do corrente. O testemunho que ella deu de sua fé no Senhor está gravado nos corações de muitos. Esperamos no proximo numero dizer mais alguma coisa a esse respeito. Por ora, juntamo-nos á dor que acaba de ferir os corações de todos os seus parentes e amigos na fé do Senhor Jesus.

Açores.—Por bondade de nosso irmão F. do Nascimento, publicamos hoje a carta que lhe dirigiu o irmão J. A. Santos e Silva, a proposito do passamento do irmão Medeiros.

Fica assim cumprida a promessa que fizemos em nosso numero passado.

Embarque.—A bordo do *Thames*, seguiu para Europa com sua familia, no dia 2 do corrente, nosso irmão e amigo José Luiz Fernandes Braga, que ali vai estar por alguns mezes.

Na lancha que os conduzia, assim como a bordo do *Thames*, cantaram os irmãos que os acompanharam aquelle conhecido hymno:

“Deus vos guarde até nos encontrarmos.”

Em um dos beliches do vapor, destinados para a familia, diversos irmãos fizeram, orações.

Que Deus os leve e os traga em paz e a salvamento.

Fallecimento.—No dia 7 do corrente, falleceu em Niteroy nossa irmã Florinda Leocadia, com idade de 76 annos. Era membro da Egreja Evangelica Fulminense, e succum-

biu quasi repentinamente á uma syncope cardiaca.

No domingo de manhã assistiu ao culto da rua da Praia, á noite adoeceu e na manhã seguinte, desatada dos laços da carne, sua alma entrou no goso ineffavel e cheio de gloria.

A Liberdade.—Chama-se *Liberdade* esse periodico, por verdadeira antithese da palavra, pois mostra-se escravo da curia romana. Publica-se em Villa-Franca de Campos, e referindo-se ao fallecimento do irmão José Pacheco de Medeiros, diz:

“Foi acompanhado ao cemiterio pelo respectivo ministro protestante e poucos irmãos da propaganda que para tanto vieram de Ponta Delgada.

Uma vergonha !”

Ora essa ! dizemos nós. Pois será vergonha para os irmãos e amigos levarem á sepultura o corpo do irmão e amigo ? !

Vergonha é o odio que se revela nas palavras do escriptor, que não duvida cuspir sobre as cinzas de um morto e dizer uma mentira quando assevera :

“Ha mezes que se achava n'esta villa assalariado pela propaganda para angariar adeptos.”

Esse escriptor deve saber que “a propaganda” não paga salario para “angariar adeptos,” e, mais ainda, que o irmão Medeiros não era assalariado para o serviço em que se occupava em propagar o Evangelho.

Esse irmão viveu por alguns annos no Brazil e, parte d'esse tempo, em Niteroy, no Estado do Rio ; vivia de seu rendimento e quiz gastar os ultimos dias de sua vida, no serviço do Senhor, na sua terra.

Tudo isso devia saber o escriptor a que alludimos ou calar a boca e não dizer uma mentira.

Quanto desgosto manifesta esse escriptor que o irmão Medeiros lá tivesse levado o Evangelho !

Já se vê que só o despeito faz o escriptor dizer que não fez elle adepto algum ! Si isso é verdade, porque tanto barulho ?

Mais calma, mais prudencia, mais verdade, mais acatamento para com os vivos, mais respeito para com os mortos.

Imprensa.—Visitaram-nos neste mez até entrar este periodico para o prelo, os seguintes collegas :

El Christiano, interessante jornal evangelico illustrado que se publica em Madrid ;

O Apologista Christão (n. 1—4), intrepido defensor das verdades evangelicas no Estado do Pará ;

The Reaper, que mão generosa e desconhecida nos enviou de Inglaterra e que muito apreciamos.

Cidade de Uberaba, órgão republicano bem redigido, que se publica em Minas na cidade desse nome.

Le Messenger, órgão do comité internacional das Missões christãs de moços. E' publicação trimensal que é feita em tres linguas. A tiragem franceza é de 1.800 e a tiragem total de 5.600 exemplares ;

O Year-Book, ou relatorio das Associações Christãs de moços da America do Norte, correspondente a este anno. E' muito bem impresso, com muitas gravuras finas e interessantes noticias sobre essas associações ;

O Reformador, órgão da federação spirita brasileira, nesta capital ;

A Liberdade, que, por antithese da palavra tem esse nome e que vê a luz da publicidade em Villa Franca do Campo (Açores) ;

O Estandarte e *o Expositor Christão* sempre recebidos com pontualidade e muito agrado ; collegas bem perto, suas visitas são tão desejadas, como se estivessem lá... longe.

A todos agradecidos, permutaremos.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

D. Luiza Wright.—Consta-nos que essa irmã, que residiu por algum tempo no Brazil, está na Inglaterra gravemente enferma, em consequencia de uma quéda.

Que Deus lhe conceda saude.

Incendio.—Nossos leitores devem ter lido as noticias da França sobre a grande catas-

trophe acontecida em Paris, na rua Jean Ganjon. Sabe-se que foi estabelecido ali um grande bazar de caridade que destinava-se a alliviar a miseria dos pobres, expondo á venda os objectos offerecidos para esse fim.

Diz-se que 8,000 pessoas estavam presentes, quando um pavoroso incendio communicou-se rapidamente por todo aquelle edificio de madeira, envolvendo-o inteiramente em chamas.

Diz-se tambem que o incendio foi causado por uma explosão da luz do cinematographo que funcionava no kiosque dirigido pela duqueza de Uzés.

Foi grande o numero de pessoas que morreram alli.

E' para entristecer, por certo, mas um caso digno de nota, é o seguinte :

Pelos telegrammas de Paris, chegados a esta cidade, sabe-se que "o fogo rebentou quando o nuncio Clari abençoava o bazar e as damas caridosas que imploravam dos ricos em favor dos pobres."

Justamente quando *elle* abençoava é que succedeu o desastre. Quando é que os homens hão de ficar convencidos que a benção dos padres romanos para nada vale?

Que os homens busquem a benção de Deus e elles serão verdadeiramente abençoados.

Madagascar.—Telegramma de Paris, de 12 de Maio, diz :

"A rainha de Madagascar, Ranavalona, pedio para se converter ao catholicismo, na persuasão de que assim os francezes lhe restituirão o throno."

Quando essa rainha fôr *convertida* á igreja romana, baterão as mãos de alegria dando applausos ós corypheus do romanismo, e, victo-

riosos, contarão mais essa convertida interessira.

Que lhes faça bom proveito.

Semelhantes a essa são as *conversões* tão decantadas pela imprensa romanista.

Que lhes faça bom proveito, repetimos.

O que sómente lamentamos é que essa igreja tenha descido á tal degradação moral que aceite taes conversões, e, mais ainda, que essa rainha faça uma idéa tão baixa da conversão, a ponto de suppor que tal cousa póde ser obtida por pedido a alguma creatura humana, e, o que é peor, para fins interesseiros

Só pelo Espirito-Santo, operando no coração do peccador, é que este póde ser salvo.

Nosso Senhor Jesus Christo declara :

"Na verdade, na verdade te digo, que não póde ver o reino de Deus, senão aquelle que nascer de novo.

Importa-vos nascer outra vez. João 3:3,7."

Madrid.—Escrevem de Madrid, dizendo: "O clero fez enthusiastica recepção ao general Polavieja. A sua chegada a esta cidade foi annunciada por varios repiques de sinos.

Os jornaes militares protestam contra a intervenção do clero em manifestações militares."

E' assim que o clero romano procede. Sempre buscando immiscuir-se na politica para poder impor-se, ainda que, muitas vezes, tenha de descer á mais vergonhosa bajulação, para alcançar o poder.

E assim vive o romanismo, mas de uma vida de politica mundana, arrastando-se na lama do servilismo.

Deus tenha compaixão.